



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

05 e 06 de maio de 2018

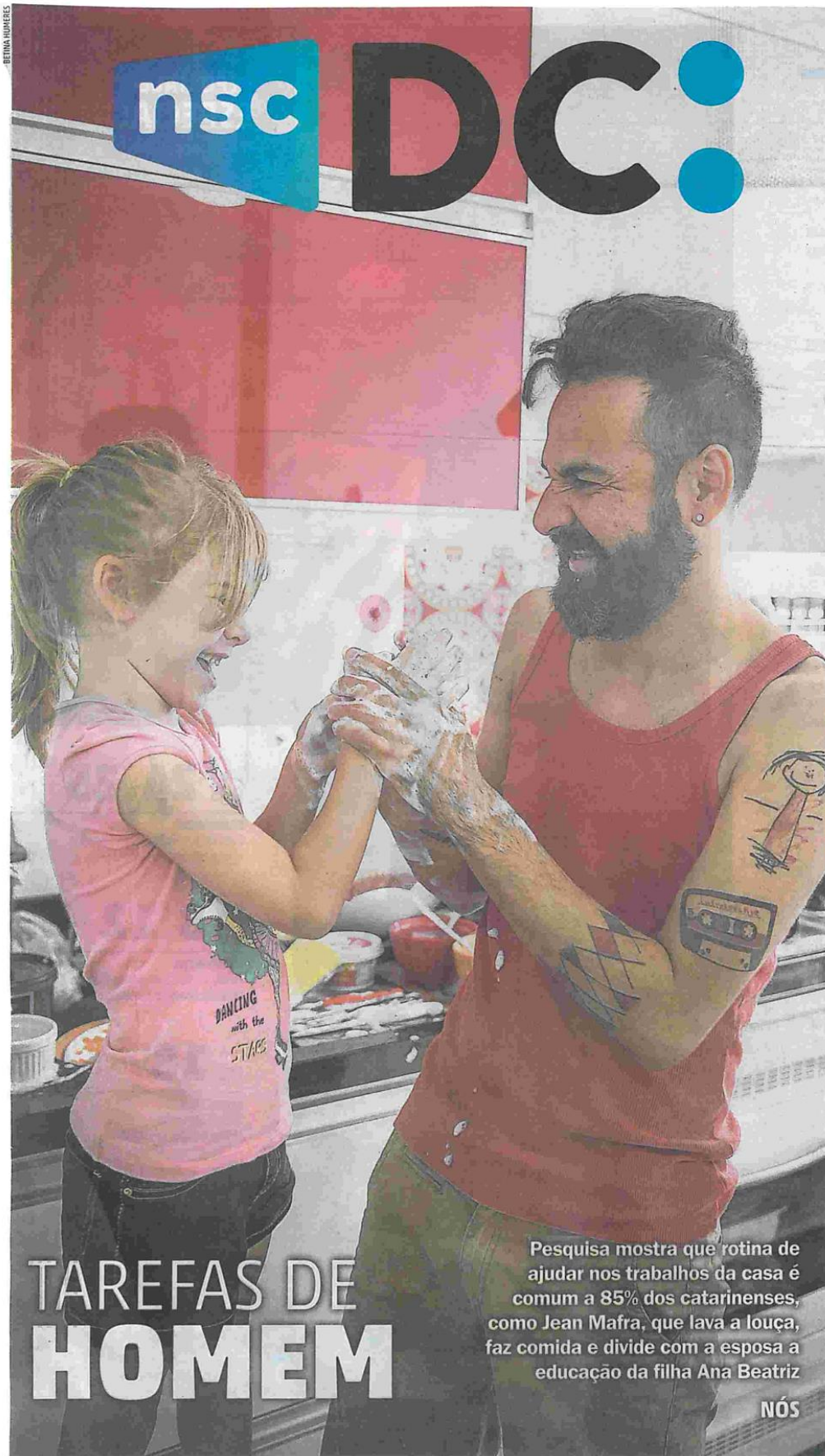
Diário Catarinense e A Notícia
Caderno Nós
"Tempo de dividir"

Tempo de dividir / Pesquisa / Trabalhos da casa / Jean Mafra / Músico /
Tarefas domésticas / Santa Catarina / Letras / UFSC / Desistência /
Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua / Pnad Contínua /
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / IBGE / Masculinidades / Livro
/ Fabio Veronesi / Pró-Feminino – Como o Machismo Prejudica os Homens

Diário Catarinense (Capa)



A Notícia (Contracapa)



BETINA NUMEROS

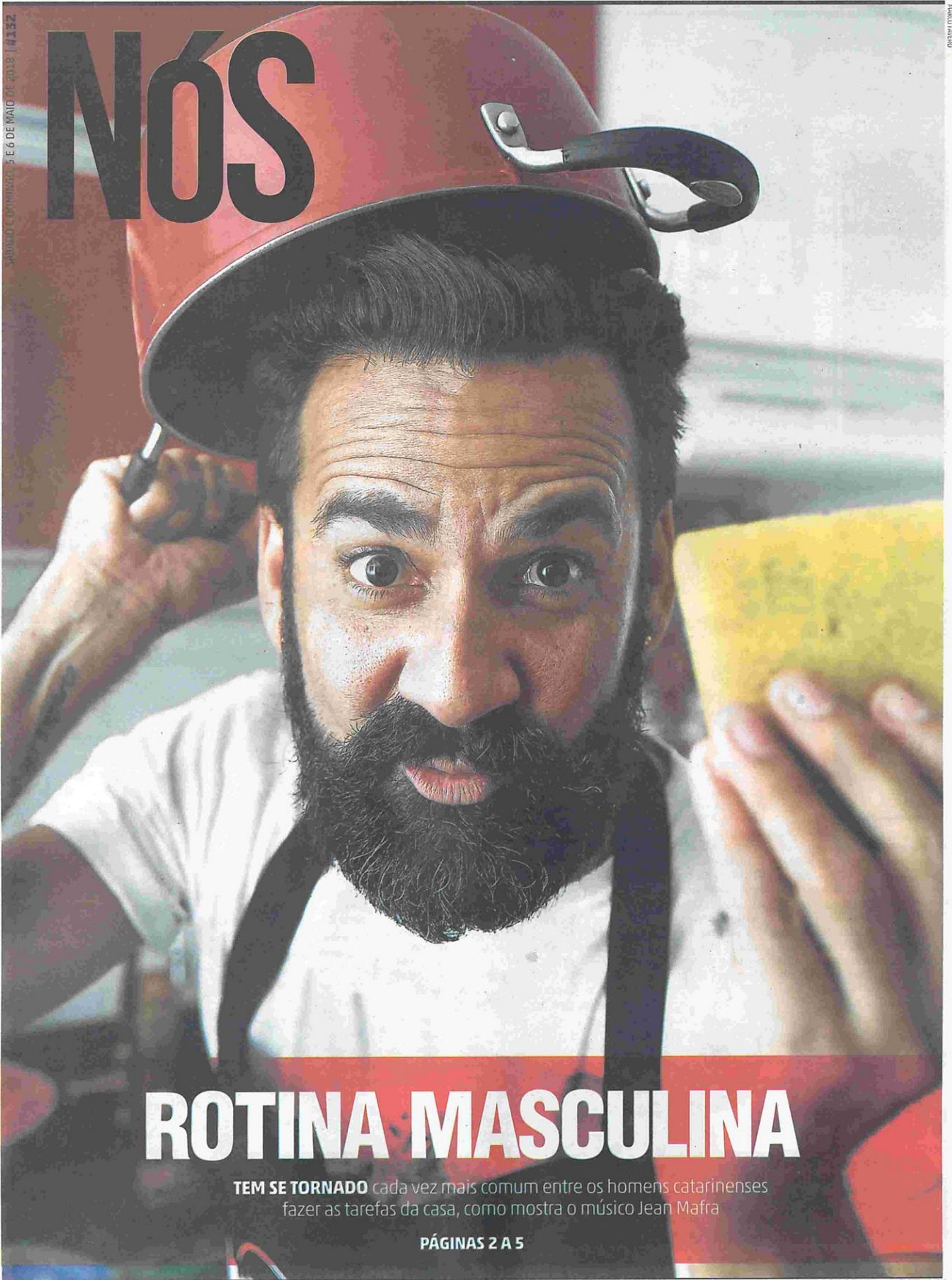
nsc DC:

**TAREFAS DE
HOMEM**

Pesquisa mostra que rotina de ajudar nos trabalhos da casa é comum a 85% dos catarinenses, como Jean Mafrá, que lava a louça, faz comida e divide com a esposa a educação da filha Ana Beatriz

NÓS

NÓS



ROTINA MASCULINA

TEM SE TORNADO cada vez mais comum entre os homens catarinenses
fazer as tarefas da casa, como mostra o músico Jean Mafra

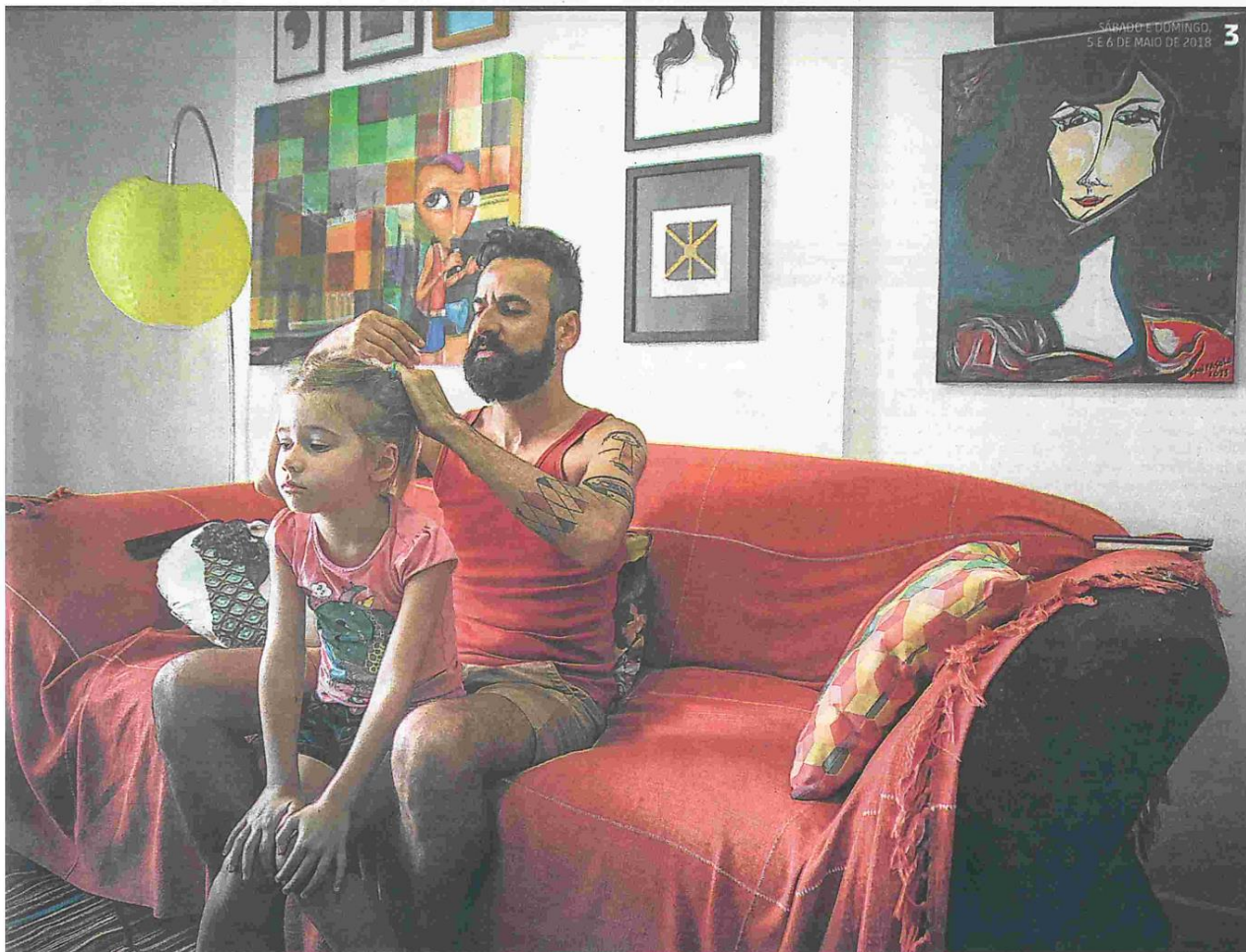
PÁGINAS 2 A 5

2 NÓS SÁBADO E DOMINGO,
5 E 6 DE MAIO DE 2018

TEMPO DE DIVIDIR

SC É O ESTADO brasileiro
em que mais os homens
compartilham tarefas de
casa com as mulheres





EMERSON GASPERIN
emerson.gasperin@somosnsc.com.br

São 15h de uma quarta-feira e o músico e DJ Jean Mafra, 41 anos, encara uma pia cheia de louça no apartamento onde mora com a esposa e as duas filhas do casal em Barreiros, São José, na Grande Florianópolis. O dia começou com ele servindo pão com manteiga e suco natural de laranja a Ana Beatriz, de 5 anos. Terminado o café da manhã, a televisão e o computador foram ligados. Um, para a criança assistir a desenhos animados. Outro, para o adulto agilizar as festas e eventos com que ganha a vida. Não por muito tempo, pois logo seria hora de preparar o almoço dela e aprontá-la para levá-la à escola de ônibus. A mãe da menina? Até duas semanas atrás saía cedinho para dar aulas de língua portuguesa e literatura, agora se dedica a cuidar da recém-nascida Frida.

Resguardadas as diferenças conforme as configurações de cada lar, a rotina de Mafra é comum a 85% dos homens residentes em Santa Catarina. O Estado registra a maior taxa do país de homens que realizaram afazeres em casa (ligeiramente à frente de Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul) em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) – Outras Formas de Trabalho, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As catarinenses ainda se ocupam mais com a lida doméstica (94,1%, empatadas com gaúchas e atrás das sul-

-mato-grossenses), mas a participação masculina aumentou em quase 7% em relação a 2016.

– Mesmo que eu batesse ponto em uma função formal das 8h às 18h, minha formação não permitiria que eu não ajudasse. Ou melhor, dividisse as tarefas – diz ele, corrigindo o ato falho cometido por nove entre 10 pessoas, não importa o sexo.

Órfão de pai aos dois anos, Mafra cresceu com a mãe, duas irmãs mais novas e uma avó “bastante presente” em Marabá (PA). Com tanta mulher ao redor, nunca precisou guardar os brinquedos, guardar as roupas ou arrumar a cama. Adolescente, já morando com a família em Florianópolis desde 1992, começou a se ligar que não fazer nada não significava que não houvesse nada a ser feito: alguém fazia por ele. No entanto, foi somente quando casou com Ana Carina, em 2004, que percebeu de fato que a vida de regalia pertencia ao passado. Já desistira do curso de Letras na UFSC para investir na vocação artística. Com a demissão como contador de histórias para crianças, o emprego com que se sustentava, nem o argumento de que faria o papel de “macho provedor” ele poderia usar.

– Era injusto ela chegar do trampo e ter que fazer comida para mim. O dono de casa era eu.

E continua sendo – ainda mais com a recém-nascida exigindo dedicação total de Ana Carina. Com a mamãe se recuperando da cesariana, o músico incorporou a troca de fraldas às obrigações cotidianas. Além de cuidar das pequenas, a lista inclui tirar o lixo e outras responsabilidades diárias impossíveis de serem deixadas para a faxineira

que vai uma vez por semana. Se a coisa aperta, Camila, a filha de 21 anos fruto de um relacionamento anterior de Mafra, é convocada para ajudar com as irmãszinhas, assim como as avós, que moram na redondeza. No fogão, porém, ninguém mexe. Ele descobriu que adora cozinhar e, garante, faz um arroz com brócolis ou legumes com molho branco que elas comem e pedem bis. A revelação de seus dotes culinários leva a esposa, que estava no quarto amamentando Frida, a se levantar e ir até a sala. Não para desmenti-lo – como insinuava o silêncio com que foi recebida –, e sim para salientar a seriedade do tema abordado, por mais prosaicas que sejam as atribuições envolvidas.

– É um caminho sem volta. Depois que começa a dividir as tarefas, não tem como retroceder. Tem mais a ver com parceria, cumplicidade, do que com necessidade – afirma a professora no ensino fundamental de três colégios.

O marido concorda. E ai dele se não! Brincadeira: Mafra conta que passou a conviver mais com a(s) filha(s) e nunca perdeu nenhum compromisso por estar com ela(s). No ensaio de um show com a Camerata Florianópolis, lá estava ele com Ana Beatriz, então bebê, no sling (tira de pano que carrega a criança rente ao corpo do adulto). Nos preparativos de um espetáculo de dança do qual assinou a trilha sonora, a garotinha não apenas foi, como “deu ideias e tudo”. O desafio atual do pai coruja é aprender a fazer tranças na menina. Enquanto não domina a técnica, defende-se com um coque “meio do lado da cabeça, que ela curte demais”. Quando for a vez de Frida, ele será especialista na função.

Jean Mafra diz que é justo com a esposa fazer trabalhos domésticos e arrumar a filha Ana Beatriz

Esparramado no sofá, com o sapato largado no chão da sala e lata de cerveja na mão, à espera de que a mulher lhe traga um tira-gosto para beliscar acompanhando o futebol na TV, o estereótipo do macho-alfa pode desdenhar do exemplo de Jean Mafra. Autônomo, com uma agenda mais flexível, o músico teria mais facilidade para conciliar a atividade profissional com a manutenção de uma casa – ao contrário dele, um assalariado que chega da firma esgotado, sem o menor ânimo para fritar um bolinho, que dirá se dispor a pendurar a roupa no varal. Afinal, a esposa, embora tenha a mesma rotina estafante, “está acostumada” com a jornada extra.

A má notícia para esse cidadão de bem completamente estagnado no tempo (para dizer o mínimo) é que brandir a carteira de trabalho assinada como pretexto para achar que já faz muito ao lavar a cueca durante o banho não engana mais ninguém. É lógico que entre os 2,63 milhões de homens catarinenses que realizaram afazeres domésticos em 2017 segundo a PNAD – Continua, encontram-se aqueles que dão expediente em dois períodos na rua, em horários fixos, e não viram paxás em casa. Como o publicitário Guilherme Campagner Carvalho, 36 anos, oito dos quais vivendo em regime de união estável com a administradora Cátia.

– A gente sempre dividiu tarefas. Ainda mais agora, com ela estudando à noite três vezes por semana – diz.

Ambos trabalham fora das 9h às 19h e, desde março, às segundas, terças e quartas ela emenda a função de atendimento em uma agência de publicidade (que não é a mesma do marido) com um curso de massoterapia até as 22h. Para que os dois tenham direito ao ócio, foram obrigados a estabelecer algumas regras, aproveitando as aptidões de cada um. Carvalho é mais organizado, por isso tira a louça do escurridor, recolhe camisas e casacos pendurados na cadeira, coloca os objetos nos seus lugares – “menos no quarto de hóspedes onde ela guarda suas roupas, aí não me meto muito, nem no banheiro dela”, esquivava-se.

Também lava a louça e a roupa (na máquina) e se encarrega do jantar. No menu, nada muito requintado: porções que preparam aos domingos, como a carne moída com molho de tomate (comprado pronto) que ele faz. Ou o que julga ser sua especialidade, uma mistura de ovo, farinha de amêndoa (ou de castanha ou linhaça) e banana que, após dois minutos no microondas chama de “bolinho fit”.

– Outra coisa que faço é trocar a caixa de areia, cortas as unhas e escovar as gatas – completa, referindo-se às “filhas” Iris e Dália, duas irmãs que adotaram com um ano em uma associação de proteção animal.

Cátia gosta que o apartamento em que moram no Córrego Grande, em Florianópolis, esteja sempre limpo. Como o marido “não tem muito jeito” com a faxina mais pesada, é ela que põe a mão na massa. Geralmente, sem a presença dele, que para “não atrapalhar” aproveita para ir ao supermercado.

– Ele é mais sutil, já eu gosto de ver espuma, água, sabão, os móveis todos de perna para cima – entrega a esposa.

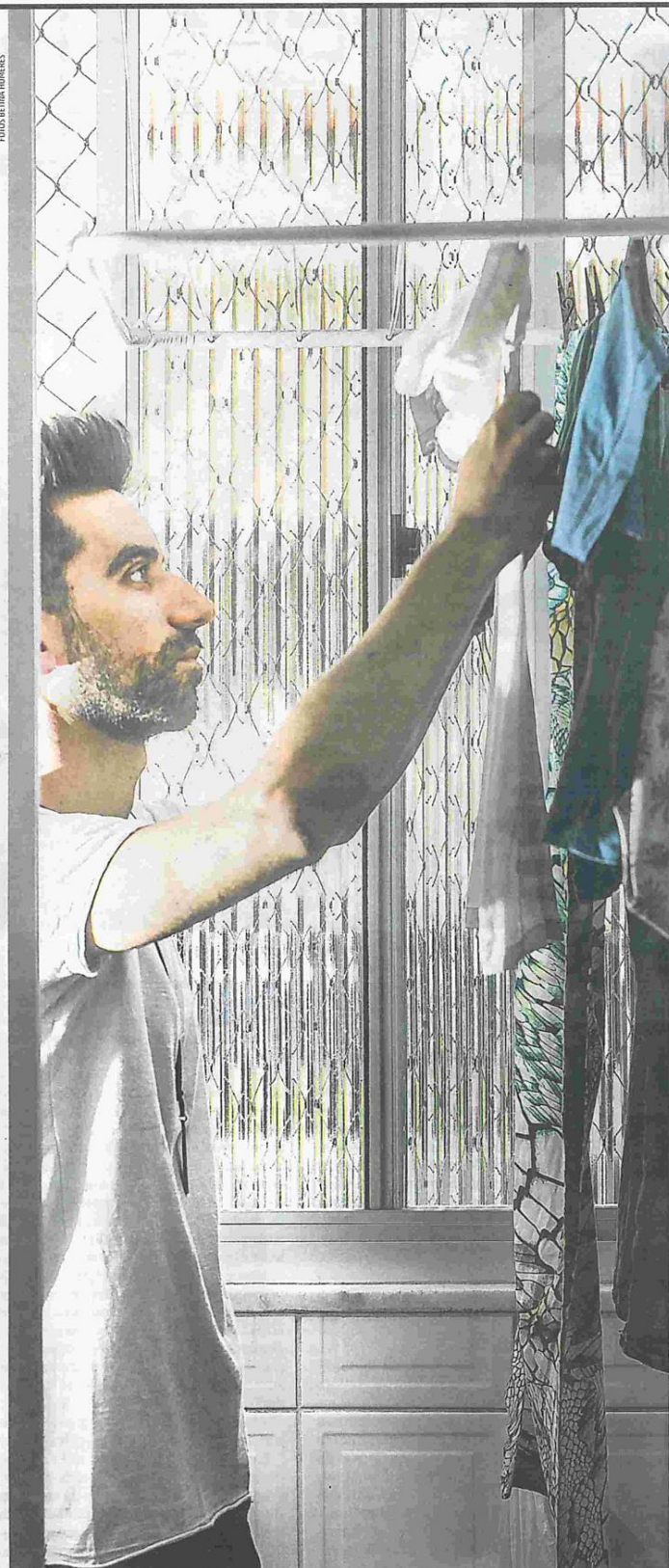
Tanto Carvalho quanto Mafra se enquadram na faixa etária – de 25 a 49 anos – dos homens com maior participação nas tarefas de casa em Santa Catarina, 88,4% de acordo com a pesquisa do IBGE. São representantes de uma geração que não está levantando bandeira alguma nem discutindo gênero ao cozinhar, lavar louça ou arrumar a cama: simplesmente não cogitam se comportar de outra forma; é natural. Está subentendido que, ao compartilhar a casa com alguém, irão dividir também as responsabilidades que a manutenção dessa casa implica. Ninguém é empregado de ninguém.

Filho de um militar e de uma dentista, o publicitário de Santiago (RS) foi criado em um lar no qual havia uma faxineira, mas os pais se revezavam no que sobrava para fazer, conta. Ele e o irmão também eram chamados a ajudar com frequência, o que reconhece ter contribuído muito para que, ao atingir a maturidade, tivesse plena consciência de que viver com outra(s) pessoa(s) requer mais do que rachar as despesas ou compartilhar os lençóis. No entanto, apesar do avanço registrado nos últimos levantamentos, ainda está muito sedimentada a crença de que cuidar da casa é “coisa de mulher”.

As brasileiras dedicam 20,9 horas semanais aos afazeres domésticos, o dobro do tempo que eles reservam a tais funções, aponta a PNAD. Exceto na execução de pequenos reparos ou manutenção do domicílio, automóvel, eletrodoméstico ou outros equipamentos, em que perdem por 63,1% a 34%, elas aparecem na frente dos homens em todos os tipos de tarefas. As maiores diferenças ocorrem no preparo de alimentos – 95,6% contra 59,8% – e na limpeza de roupas e calçados – 90,7% ante 56%.

Na avaliação da analista de Trabalho e Rendimento do IBGE Alessandra Brito, os números mostram que buscar o equilíbrio entre os sexos na lida em casa deve ser uma preocupação constante em uma sociedade que se pretende igualitária. O caminho para isso passa por uma mudança de mentalidade que terá respaldo cada vez maior à medida que as gerações vão se sucedendo. Não é preciso saber fazer crochê, o ápice do homem prendado simbolizado pelo ator catarinense Rodrigo Hilbert. Mas compreender que não está escrito em nenhum lugar que cozinhar, lavar ou limpar são atribuições exclusivas da mulher já ajuda.

FOTO: BETINA HUBERES



Cátia e Guilherme:
ela na faxina mais
pesada, ele nas
coisas do dia a dia



FEMINISTA, NÃO: PRÓ-FEMININO

Dividir as tarefas domésticas é só um aspecto primário das novas masculinidades que afloram na sociedade contemporânea. Homem não chora, homem não liga para a aparência, homem não acha homem bonito e tantos outros clichês que poderiam ter saído da boca de Zeca Bardoada – personagem interpretado pelo finado Guilherme Karan no quadro TV Macho, do programa humorístico TV Pirata, na década de 1980 – hoje só valem como piada de gosto duvidoso. Não, não se trata de enaltecer o modelo “metrossexual”, termo surgido na virada dos anos 2000 que virou sinônimo de cara que “passa cremi-nho”. E sim de perceber que não há mais espaço para posturas arcaicas em uma relação a dois.

É com essa finalidade que o psicólogo Fabio Veronesi está lançando o livro *Pró-Feminino – Como o Machismo Prejudica os Homens*, resultado de 15 anos de pesquisa no assunto. Ele vê a participação masculina nos afazeres de casa como uma atitude que ajuda mais o próprio homem do que a mulher que estaria sendo “ajudada”. A tese é a seguinte: há um século, os homens dominavam a esfera social; a mulher, a esfera doméstica; hoje, a mulher domina também a social – mas o homem não conquistou a com-

petência na doméstica. A moça que passava da mão (tutela) do pai para a do marido é aconselhada pela família a estudar, ter alguma profissão, ganhar o seu dinheiro para “não depender de homem nenhum”. Enquanto isso, no reino da testosterona, nada mudou. O homem ainda sai da barra da saia da mãe para a da esposa, porque não é criado para se virar minimamente nas necessidades mais básicas.

– Toda mãe que criou o filho dando mais “moleza” a ele do que à filha, protegendo-o, prendendo esse menino ao não investir na autonomia dele, a não ensiná-lo a fazer essas tarefas, de certa forma criou um machistinha. O homem pró-feminino vai entender isso como uma vantagem, como um processo que o submete – explica Veronesi.

Ele ressalta, porém, que ensinar o filho a não ser machista não é botá-lo para brincar de boneca. Na ótica do paulista radicado em Florianópolis, divorciado, pai de duas meninas e um menino, primeiro é importante estabelecer bem o seu gênero, para depois compreender o(s) outro(s).

– Um homem que entenda melhor suas emoções não precisa ser afetado. O feminino do ho-

mem não é uma caricatura de mulher. Se a gente investir no nosso feminino, nosso masculino vai ficar melhor.

O psicólogo cita Freud e a psicanálise para fundamentar o raciocínio: todos temos os dois sexos, e o que chamamos de masculino ou feminino é apenas a preponderância de um deles. O machismo reprime a mulher, mas também o lado feminino do homem, através do qual ele ama. Logo, quem não lida bem com seu próprio feminino tem muita dificuldade em se entregar ao amor e à vulnerabilidade inerente a esse amor.

– Quanto melhor a gente conseguir lidar com essa sensação de fragilidade que é inerente ao amor, mais a gente vai ter capacidade de amar.

Depois dos abalos que a revolução feminista provocou na velha edificação machista, indica Veronesi, a masculinidade do homem só irá se reerguer de mãos dadas com sua feminilidade. Ou, como já cantava Gilberto Gil em 1979 em *Superhomem – A Canção*: “Um dia, vivi a ilusão de que ser homem bastaria, que o mundo masculino tudo me daria do que eu quisesse ter / Que nada, minha porção mulher, que até então se resguardara, é a porção melhor que trago em mim agora, é que me faz viver”.

Diário Catarinense e A Notícia Conexão Econômica

“Não há no mundo uma parceria de tantos anos entre empresa e grupo de pesquisa”

‘Não há no mundo uma parceria de tantos anos entre empresa e grupo de pesquisa’ / Entrevista / Cláudio Melo / Professor / Departamento de Engenharia Mecânica / UFSC / Embraco / Nidec Corporation / Whirlpool / Polo / Laboratório de Pesquisa em Refrigeração e Termofísica / Ernesto Heinzelmann / Ex-aluno / Rogério Ferreira / Embrapii

“Não há no mundo uma parceria de tantos anos entre empresa e grupo de pesquisa”

ENTREVISTA

A revelação da venda da Embraco para o grupo japonês Nidec Corporation, feita pela



Whirlpool no último dia 23 de abril, surpreendeu o mercado mundial, mas não o grupo de pesquisadores do Polo – Laboratórios de Pesquisa em Refrigeração e Termofísica da UFSC. Segundo o professor titular do Departamento de Engenharia Mecânica da instituição e supervisor do Polo, Cláudio Melo, o grupo sabia que algo ia acontecer porque executivos de empresas interessadas em comprar a companhia faziam questão de conhecer o laboratório como se fosse um centro de pesquisas da própria empresa. De fato, eram mesmo interessados em comprar a Embraco e os 130 cientistas do Polo gostaram do perfil da nova controladora, focada em eletrodomésticos. Mas por que essa diferenciação? É que a parceria Embraco-Polo em pesquisas contínuas, firmada pelo então gestor de pesquisa da Embraco, Ernesto Heinzelmann, em 1982, foi o que permitiu à

companhia desenvolver tecnologias de ponta, inovar e atingir a liderança mundial em seu setor. Nesta entrevista, o professor fala sobre o início da parceria, as pesquisas e os desafios do segmento.

O começo da parceria

Iniciamos esse trabalho com a Embraco em 1982 e, desde então, ele se mantém constante. Já são 36 anos. Não existe no mundo uma relação de tantos anos de uma empresa privada com um grupo de pesquisa pública de maneira contínua. Normalmente, as empresas vêm e vão, com projetos diferentes.

Por que a iniciativa

Quem começou isso foi o Ernesto Heinzelmann, nosso ex-aluno de engenharia que na época trabalhava na companhia. Eles tinham como fornecedora de peças a Danfoss, da Dinamarca (comprada ano passado pela Nidec) e sempre enfrentavam problemas na produção que eles não tinham como resolver. Por isso, eles queriam aprender a fazer e fazer melhor. Ele veio duas ou três vezes aqui, bateu em várias portas da universidade, mas não achava a pessoa certa. Até que um dia encontrou o professor Rogério Ferreira (hoje aposentado), que fundou o laboratório Polo. A UFSC não tinha esse laboratório, nem o grupo de pesquisa em refrigeração. Começamos a desenvolver tecnologia junto com a Embraco e ela se tor-

nou a gigante que é hoje, exportando para o mundo todo. Como a empresa foi liderada até há pouco por engenheiros, essa parceria continuou.

Pesquisas atuais

Hoje o Polo atua com pesquisas em três áreas para a Embraco: uma em compressores, outra em novas tecnologias que não vão entrar no mercado no curto prazo e outra que chamamos de sistema de refrigeração. Para cada área há um planejamento estratégico, de acordo com recomendação de consultoria internacional. Ela olha o mundo, lista o que precisa ser estudado nos próximos anos. A universidade olha o que pode colaborar, alguns pontos nós fazemos, outros eles procuram em outros institutos. Esses acordos são renovados a cada dois anos.

Outros projetos

Temos um trabalho novo com a Embrapii. Eles cobram resultados, faturamento. Antes, atuávamos só com a Embraco. Agora, a Embrapii cobra outras pesquisas para outras linhas que também usam frio. Uma das novas clientes é a Embracer. Tivemos que sair da linha de conforto.

Do exterior

Recebemos representantes de empresas do mundo todo interessados em parcerias para pesquisas. Quando achamos que é conflitante com o que já fazemos, não aceitamos. Para refrigeradores, podemos atuar com o mundo todo. Do exterior, vieram projetos de empresas de países

como a Alemanha, os Estados Unidos e a Turquia.

A equipe Polo

Continuamos com 130 pessoas na área de pesquisa. Temos cinco professores e mais cerca de 30 pesquisadores contratados fixos. Temos também engenheiros e estudantes de mestrado, doutorado e iniciação científica que fazem pesquisas aqui.

Desafios a resolver

O que mais motivava pesquisas nesse segmento da Embraco era a redução do consumo de energia elétrica e geração de mais frio. Ainda hoje trabalhamos sempre com esses objetivos em mente. Depois, começou a pressão do ponto de vista ambiental, o produto tinha que ter baixo consumo de energia, não agredir a camada de ozônio e não gerar efeito estufa. Agora, nos últimos anos, a empresa solicitou um foco fortíssimo na redução de custos.

Da UFSC para o mundo

Boa parte da equipe de pesquisa e desenvolvimento da Embraco é integrada por engenheiros graduados na UFSC. Todas as empresas de compressores do mundo têm um ex-Embraco e ex-Polo em postos-chaves. Cerca de 40% do pessoal de pesquisa e desenvolvimento da Embraco atuou no Polo. Até anos atrás, ela era bem agressiva em pesquisas, contratava engenheiros mais ousados. Agora, observa também o custo.

Estela Benetti

CLÁUDIO MELO

Professor do Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC

Notícias do Dia Janine Alves "Sinais de recuperação"

Sinais de recuperação / Construção civil / Crise econômica / 90º Encontro Nacional da Indústria da Construção / ENIC / Marco Aurélio Alberton / Engenheiro Civil / Formado / UFSC / Construtech



Panorama

JANINE ALVES ■ janine.alves@noticiasodia.com.br

Acompanhe a
coluna no NDOonline



NOTÍCIAS DO DIA FLORIANÓPOLIS.
SÁBADO E DOMINGO, 5 E 6 DE MAIO DE 2018. 12

Construção Civil

SINAIS DE RECUPERAÇÃO

Um dos setores mais afetados pela crise econômica foi o da construção civil, que acumula desde o segundo trimestre de 2014 taxas de variação do PIB negativas, conforme dados do IBGE. Um setor de extrema importância para Santa Catarina e que gera apenas aqui no Estado 92 mil empregos diretos, o que equivale a 4,3% dos trabalhadores do setor do Brasil, segundo dados do Ministério do Trabalho. Em 2017, a receita nominal de vendas do setor fechou com decréscimo de -1,1%, segundo dados da Fiesc. No entanto, o segmento dá indícios de recuperação em fevereiro de 2018 com o aumento de 1,6% nas vendas, acumula ainda um saldo positivo de empregos no primeiro trimestre e, mesmo longe de reverter as perdas acumuladas nos últimos quatro anos, o Índice de Confiança da Construção, calculado pelo Instituto Brasileiro de Economia - Ibre/FGV vem crescendo desde abril de 2016 quando alcançou o pior patamar. ●

■ **90º Encontro Nacional da Indústria da Construção** - Enic será realizado entre de 16 a 18 de maio no Centro de Eventos Governador Luís Henrique da Silveira, na Capital, promovido pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção e realizado pela Associação dos Sindicatos da Indústria da Construção Civil de SC. **Inscrições: fiesc.com.br/pt-br/ eventos/90o-enic-encontro-nacional-da-industria-da-construcao**

Construção civil em SC

2 bilhões de reais foi o valor total de vendas em Santa Catarina em 2017 e, no primeiro trimestre de 2018, o valor das vendas foi de R\$ 144 milhões, segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção - Cbic.

2,6% é a projeção de crescimento do setor para 2018, considerando o cenário realista. No cenário otimista a projeção de crescimento é de 3,3% conforme estudo recente, realizado pelo Sebrae.

2.487 é o saldo de vagas no setor da construção civil gerados no primeiro trimestre de 2018 no Estado, segundo dados do Caged.



Marco Aurélio Alberton, engenheiro civil formado pela UFSC, iniciou no ramo da construção civil em 1984 como estagiário de obras. Há 23 anos, trabalha na Cota Empreendimentos Imobiliários, onde atua como diretor técnico. Atualmente é presidente da Associação dos Sindicatos da Indústria da Construção Civil do Estado de Santa Catarina (ASICC/SC), diretor de Relações Trabalhistas do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de Santa Catarina (Sinduscon/SC), presidente do Serviço Social da Indústria da Construção Civil da Grande Florianópolis (Secconci) e presidente do 90º Encontro Nacional da Indústria da Construção - Enic, considerado o principal evento do calendário da construção civil no país.

Marco Aurélio Alberton ■ Presidente do 90º Encontro da Indústria da Construção

Quais as tendências e novidades do setor de construção civil?

Com a crise no setor, apareceram outras oportunidades para melhorar e intensificar as ações, o planejamento, processos e a produtividade. A automação e a inteligência artificial estão presentes em muitas startups, por exemplo, com produtos disponíveis ao setor. Temos algumas em Santa Catarina que já apresentam resultados positivos nas mais diversas áreas da construção - o que caracteriza o termo "Construtech". Já há um fundo de investimentos no Brasil com foco na construção, o Construtech Ventures, sendo um auxílio para estes empreendedores com grande potencial de crescimento. Fazer mais com menos, este é o lema, pois as empresas precisaram ajustar seus quadros devido a este novo cenário.

Qual o perfil do consumidor de imóveis catarinense?

Nosso mercado é muito heterogêneo, dependendo da região há um tipo de consumidor diferente. No litoral - em especial regiões como Balneário Camboriú, Itapema e Florianópolis - existe demanda para consumidores do Brasil todo com imóveis

de temporada, além do consumidor local. Regiões baseadas no desenvolvimento do agronegócio - como Chapecó - estão em crescimento e, apesar da crise, e movimentam o setor com oportunidades. Já outras regiões estão iniciando o processo de retomada gradual da economia.

Sobre o Encontro Nacional das Indústrias da Construção, o que os participantes podem esperar?

Como nosso lema diz "Inovar e Crescer, Construindo um País melhor", a inovação e a tecnologia são assuntos importantes e presentes em nosso evento. A sustentabilidade, meio-ambiente, a reforma trabalhista e o cenário econômico como um todo, além dos desafios para o futuro da Brasil, também estão na pauta. Será um grande evento que irá reunir os setores da construção em plenárias e reuniões das comissões.

Há novidades para esta edição?

Pela primeira vez, estamos realizando a Expo ENIC 2018, que é uma oportunidade para as empresas catarinenses e nacionais do nosso setor apresentarem seus produtos. Junto à Expo ENIC, haverá um espaço

para troca de experiências e networking.

Qual os assuntos que serão debatidos no evento?

Teremos a oportunidade de conhecer casos de sucesso, seja de vendas, construção e pesquisas, inovação e tecnologia, principalmente com a presença das 'construtechs'. Estamos retomando o crescimento do setor e é uma oportunidade para conhecer tendências, programas, materiais e empresas.

Para finalizar, pode-se dizer que a crise econômica trouxe consequências positivas para o setor da construção civil?

Todas as empresas precisaram reavaliar seus conceitos, ajustar equipes, investir em melhoria contínua, ganho de produtividade e reduzir o que era desperdiçado. Apesar da crise ter sido bastante forte, as empresas que continuam no mercado precisam ser cada vez mais focadas, organizadas e deverão investir sempre em melhoria. Também é necessário que o consumidor final valorize as empresas tradicionais e bem estruturadas que mantiveram seus compromissos e, apesar de toda dificuldade, continuam preparadas para atendê-los.

Notícias do Dia
Fabio Gadotti (Interino: Felipe Alves)
"À espera de um sistema integrado"

À espera de um sistema integrado / Sistema integrado de transporte público / Suderf / Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Florianópolis / UFSC / Plamus / Plano de Mobilidade Urbana Sustentável

À ESPERA DE UM SISTEMA INTEGRADO

Há ainda um longo caminho a ser percorrido para que a Grande Florianópolis tire efetivamente do papel um sistema integrado de transporte público, eliminando linhas sobrepostas e com um sistema eficiente. Na última semana, representantes da sociedade civil organizada e de prefeituras da região formaram um grupo de trabalho para elaborar os termos do contrato do programa do transporte coletivo metropolitano. Sem contar a Capital, que já possui contrato com o Consórcio Fênix, oito municípios da região terão contratos específicos que serão detalhados dentro do grupo. Em paralelo, a Suderf (Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Florianópolis) e a UFSC preparam o edital para a escolha da empresa que irá operar o sistema. A expectativa é que o edital esteja pronto em julho, mas por conta das eleições deve ser lançado somente no fim do ano. A empresa vencedora terá seis meses para começar a operar, possivelmente em 2019. ●

Depois de dois anos de análises e da divulgação do Plamus (Plano de Mobilidade Urbana Sustentável), em agosto de 2016 a expectativa do Governo era ter até 2018 não só o novo sistema intermunicipal operando, mas também a implantação de BRTs (Bus Rapid Transit) e corredores exclusivos na Via Expressa (BR-282) e em parte da BR-101 - o que não deve sair do papel tão cedo.

Notícias do Dia
Fabio Gadotti (Interino: Felipe Alves)
"Fortalezas"

Fortalezas / Visitas gratuitas

Fortalezas

Neste domingo tem visita gratuita às fortalezas da ilha de Anhatomirim, Ratoes Grande e São José da Ponta Grossa. Até novembro, o primeiro domingo de cada mês terá entrada gratuita às fortalezas, sempre das 9h às 17h. Informações: fortalezas@contato.ufsc.br.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Bateu o martelo"

Bateu o martelo / Professor / Rodolfo Joaquim Pinto da Luz / Vaga /
Assembleia Legislativa / PSD / Reitor / UFSC

BATEU O MARTELO

Professor Rodolfo Joaquim Pinto da Luz bateu o martelo e decidiu disputar uma vaga na Assembleia Legislativa pelo PSD. Um nome que entra forte em um páreo considerado aberto na região da Grande Florianópolis. Tem como "cabos eleitorais" um currículo admirável na área da educação (por três vezes reitor da UFSC, secretário municipal de Educação por 12 anos, e ex-presidente da FCC) e o *recall* da última eleição para a prefeitura da Capital, quando concorreu como vice de Ângela Amin e que por muito pouco a história não seria outra.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"A velha senhora!"

A velha senhora! / Ponte Hercílio Luz / Símbolo histórico / Literatura
Catarinense / Abolida / Currículo / UFSC

A velha senhora!

Será que os californianos não se importariam se a Golden Gate Bridge, construída 10 anos depois da Hercílio Luz, fosse desprezada? Primeiro que isso não ocorreria, porque a Califórnia, assim como outros centros urbanos desenvolvidos, prezam pelas suas riquezas culturais.

Em Santa Catarina, há vozes propugnando a derrubada da ponte Hercílio Luz e a construção de uma outra de concreto armado. É por isso que o nosso Estado é paupérrimo em preservação histórica e cultural. Imaginem destruir um monumento, o único totalmente de ferro, porque se gasta muito dinheiro em sua restauração. Ora, se há superfaturamento de suas obras, como alegam, então que sejam acionados os órgãos de combate à corrupção e que prendam seus autores. O que não pode é simplesmente apagar um símbolo histórico.

É a ausência de memória histórica e o desprezo aos valores culturais que mantêm a autoestima dos catarinenses na sola do pé. Absurdo! Até a literatura catarinense foi abolida do currículo da UFSC. Está na hora de o governo do Estado se preocupar com a preservação de nossas riquezas artísticas, literárias, históricas, enfim, com a nossa identidade.

CLIPPING DIGITAL

05/05/2018

Privilégios em trânsito

Grande Florianópolis está à espera de um sistema integrado de transporte

Curso habilita professores e servidores públicos em Libras

Sindilat participa do 2º seminário de Bovinocultura de Leite do Alto Uruguai Gaúcho

06/05/2018

Arcanjo socorre vítimas de afogamento em Governador Celso Ramos

Retrô: Flavia Guidarini e Orlando José Becker no dia do "sim" em 1992